

AS TRABALHADORAS DO NORTE: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DE TRABALHO DAS EX-TAREFEIRAS DAS FÁBRICAS DE PESCADO DE SÃO JOSÉ DO NORTE - RS

ALICE DA CONCEIÇÃO TEIXEIRA¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹*Universidade Federal de Pelotas – teixeiraalice97@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No final do século XX, São José do Norte experimentou um próspero momento no setor industrial pesqueiro. O município, cuja matriz econômica sempre foi pautada pela pesca artesanal familiar, vivenciou uma experiência fabril muito significativa. A mão de obra masculina estava, principalmente, voltada para a pesca, no Oceano ou na Lagoa, restando, em geral, à mão de obra feminina para o trabalho fabril.

Observa-se, através das narrativas orais, que a maioria das trabalhadoras possuía baixa escolaridade e um número elevado de filhos. Na História local essas trabalhadoras são invisibilizadas, já que não são encontradas nos arquivos e nos registros públicos e tampouco aparecem nas narrativas oficiais.

Assim, esse trabalho tem como objetivo conhecer as mulheres “trabalhadoras do Norte”, como ficaram conhecidas essas operárias, buscando compreender quem eram essas trabalhadoras, e como era o seu cotidiano de trabalho dentro do espaço fabril, até então nunca experciado na cidade. Além disso, espera-se observar as relações que as trabalhadoras estabeleciam com as/os colegas de trabalho, e suas estratégias de resistência dentro de um espaço historicamente masculinizado, que é o do trabalho remunerado.

Isso porque o trabalho exercido dentro da fábrica não representa uma novidade para as trabalhadoras, pois por serem “do Norte” a maior parte das trabalhadoras já era familiarizada com as atividades de manipulação de pescado, pois realizavam essas atividades dentro da pesca artesanal. Na fábrica, essas trabalhadoras vão atuar por tarefa e serão diretamente remuneradas, o que não as tira da vulnerabilidade e tampouco as pouparam da divisão sexista de trabalho, mas que configura uma outra perspectiva de trabalho, no qual o tempo representa dinheiro.

2. METODOLOGIA

Gill e Silva afirmam que “a História Oral se sustenta, sobretudo, na atividade de rememorar e no jogo entre memória e identidade.” (2016. p.1). Assim, é preciso considerar que o campo da memória é um campo de disputa e que esta ocorre sempre no tempo presente. Logo, “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo” (CANDAU, 2023, p. 9). E a identidade aqui é compreendida enquanto uma construção social, admitindo que “memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas” (*ibid*, p.10).

Candau reconhece que “o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos.” (2023, p.18). Assim, as

narrativas orais apresentam também esquecimentos ou silenciamentos acerca do que as trabalhadoras das fábricas não querem lembrar. Como essas memórias são sempre negociadas no presente, eventos do passado que não coincidam com os interesses do presente podem sim ser negligenciados. As narrativas sobre o passado revelam jogos de disputa entre presente e passado, isso porque “o apelo ao passado é um constante desafio lançado ao futuro, consistindo em ponderar hoje sobre o que foi feito e o que poderia ter sido feito.” (*ibid*, p.66).

O roteiro de entrevista elaborado para entrevistar as colaboradoras deste trabalho foram individualizados e, neste texto, serão abordadas duas entrevistas realizadas com ex-tarefeiras das fábricas de pescado de São José do Norte, seguindo as premissas da História Oral Temática, na qual o tema central da entrevista é o mesmo e as trajetórias pessoais colaboraram de formas distintas com o tema.

Como as vivências e o cotidiano de trabalho dessas mulheres eram coletivos, as memórias narradas pelas colaboradoras são muito similares, ainda que evidentemente apresentem singularidades de cunho pessoal. Tal situação evidencia que as lembranças são individuais, mas que a memória é social, construída no tempo presente e perpassada por lembranças e esquecimentos, de acordo com o grupo no qual aquele que está rememorando está inserido. “A memória toma as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro” (*ibid*, p.132).

Para dialogar com essas memórias e pesquisar sobre o passado fabril de São José do Norte recorro às fontes orais, a partir da qual a manifestação mais conhecida é a entrevista. Quanto à formação da rede das entrevistas, Meihy e Holanda salientam que: “[...] a origem da rede é sempre o ponto zero, e essa entrevista deve orientar a formação das demais redes” (2023, p.54). O ponto zero dessa pesquisa foi a interlocutora Conceição Gautério da Silva, pois como eu não encontrava informações dessas trabalhadoras nos arquivos e registros públicos, iniciei a pesquisa com a minha avó e ela foi me indicando outras trabalhadoras, que tinham sido suas colegas, contribuindo assim para a consolidação desta rede.

Esse trabalho conta com duas interlocutoras. A primeira é Conceição Gautério da Silva, uma mulher branca, analfabeta e mãe de seis filhos. Conceição começou a trabalhar nas fábricas quando tinha treze anos. Em determinado momento de sua vida alega ter se afastado temporariamente do trabalho por conta dos filhos pequenos. Ela nunca casou oficialmente, mas perdeu o companheiro e pai de cinco de seus filhos muito cedo, quando ficou responsável pelo sustento de sua família. Quando concedeu a entrevista Conceição tinha setenta e sete anos.

A segunda entrevistada, Silvana Silva da Conceição, é filha de Conceição, trabalhadora negra, e com o ensino fundamental básico completo. Assim como a mãe, Silvana chegou ainda jovem à fábrica, com quinze anos na época. Segundo ela, a sua mãe era a única pessoa da família que trabalhava na fábrica quando ela começou. Silvana, diferentemente de sua mãe, tinha carteira de trabalho assinada, casou-se legalmente e o seu marido também trabalhava nas fábricas. Juntos o casal teve dois filhos. Quando concedeu a entrevista Silvana tinha quarenta e nove anos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como relatado pelas entrevistadas, o trabalho dentro das fábricas era realizado por tarefa, mas, para que houvesse uma tarefa, era necessária a chegada

de um barco carregado. Através das narrativas das colaboradoras foi possível observar que após a chegada do barco, o peixe era levado para dentro da fábrica (pelas esteiras, para a sala de filetagem), logo em seguida as trabalhadoras realizavam a tarefa (que podia ser separar o tipo e/ou tamanho do peixe, limpar o peixe, filetar o peixe, separar o camarão miúdo do grande, abrir as conchas etc.), e por fim, embalavam e estocavam para a venda.

O material perecível deveria ser elaborado junto à sua fonte, e essa elaboração não pode tardar muito a ser feita, pois o produto poderia estragar e gerar um prejuízo à fábrica. O que acontecia, então, é que a trabalhadora executava uma tarefa, recebia por ela, e, a princípio, cumpria seu horário de trabalho. No entanto, quando o barco chegava, era necessário que se fizesse a limpeza, separação e o devido acondicionamento do produto, assim, elas precisavam trabalhar até que a carga do barco fosse finalizada.

As entrevistadas relatam que, se fossem embora, não seriam mais chamadas, ou seja, a liberdade para decidir seus próprios horários de trabalho, supostamente garantida por seus patrões, na prática, não era uma realidade para essas mulheres. Ao ser questionada sobre os horários de chegada e saída nas fábricas a trabalhadora Silvana Silva da Conceição, relembra uma passagem sua em uma fábrica de pescado na cidade de Rio Grande e diz que: “tinha para chegar, para sair na Pescal não tinha, a gente entrava lá para dentro e saía uma hora da madrugada, duas horas, às vezes virava a noite.”

As trabalhadoras afirmaram ainda que chegavam cedo às fábricas e saíam tarde. No município de São José do Norte, podiam usufruir do intervalo para almoçar em casa, mas algumas optavam por fazer suas refeições dentro da fábrica, otimizando o seu tempo, para poder trabalhar mais. Mas quando trabalhavam na cidade vizinha, Rio Grande, levavam a comida e faziam todas as refeições (café da manhã/almoço/café da tarde) em refeitórios, passando o dia inteiro dentro das fábricas, sem outra opção, já que o deslocamento levaria muito tempo.

O trabalho dito “feminino” dentro das fábricas estava diretamente ligado às tarefas exercidas pelas mulheres no âmbito familiar, ou seja, na indústria do peixe, as trabalhadoras tinham tarefas, em geral, ligadas à seleção e à preparação de produtos perecíveis, diferentemente das tarefas sob responsabilidade masculina, como a pesca e o descarregamento dos barcos. Ao homem cabe o trabalho reconhecido como pesado, às mulheres o peso do trabalho leve (PAULILO, 1987).

O espaço do homem é representado pelo barco, que viaja, que descobre, que busca e traz mantimentos (homem provedor). Já o espaço da mulher é representado pela fábrica, em especial, pela sala de tarefa (onde se elaborava o produto), fechada, ocupada por outras mulheres, fedida, invisível, desconfortável, esquecida (um espaço que remete à mulher auxiliadora).

“A construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina” (SPIVAK, 2010), por isso, a presença dessas mulheres nas fábricas não pode ser compreendida como uma ocupação natural, pois só se justifica por fatores de desigualdade e subalternidade: a mão de obra feminina é mais barata às fábricas e as condições econômicas dessas mulheres são extremamente vulneráveis, em especial das trabalhadoras que tinham nas fábricas a única fonte de renda familiar. Compreende-se aqui o conceito de vulnerabilidade condicionado à questão financeira, mas também aos laços relacionais (CASTEL, 1998).

Entre as trabalhadoras o sentimento principal que aparece nas narrativas é o companheirismo, mas existiam casos de desentendimentos entre os trabalhadores, Conceição chega a narrar um desses episódios que ocorreu com um ex-tarefeiro que era seu colega: “tinha um que só queria lavar banheira, com a

mangueirinha lavando banheira e as mulheres carregando peso, os lixos de peixe para a rua para despejar nos tanques e eles ali. [...] Ai teve um dia que eu não estava muito, muito minha, eu peguei e putiei ele, já chamei ele de malandro." Essa narrativa demonstra uma estratégia masculina de auferir proveito sobre as mulheres.

As fábricas de pescado se apresentam enquanto espaços bastante plurais, ocupadas por diferentes trabalhadores e com dois setores fortemente demarcados, funcionários do escritório e tarefeiras, os quais possuem proventos e poderes diversos.

4. CONCLUSÕES

Esse estudo, ainda que seja precedido pelo trabalho "Da rede à fábrica: Uma Arqueologia das mulheres trabalhadoras de São José do Norte – RS (1970-1995)", da autora, encontra-se em estágio inicial, mas algumas considerações já podem ser feitas.

As entrevistadas começaram a trabalhar ainda muito jovens, com idade entre treze e quinze anos, o que demonstra a vulnerabilidade de suas famílias. O número de filhos das trabalhadoras é bastante significativo, uma vez que a média de filhos entre as colaboradoras aqui citadas é de quatro filhos por trabalhadora.

A tarefa (atividade exercida por todas as entrevistadas) era, em sua maior parte, cumprida por mulheres, pois trata-se de trabalho de cuidado com os alimentos feito, especialmente, por elas também em casa. É inegável que a renda obtida por essas trabalhadoras sustentava suas famílias.

Para a maioria dessas mulheres, o trabalho na fábrica representava muito mais do que luta e busca por direitos iguais em uma sociedade capitalista e patriarcal, garantindo necessidades básicas da família, como a alimentação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Editora Contexto. São Paulo. 2023.
- CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GILL, L. A.. SILVA, E. B. **Perspectivas para a História Oral**. Departamento de História: capítulos de livros, disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8301>. Pelotas. 2016, p 01-20.
- MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed., São Paulo, Contexto, 2023.
- PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev., 1987.
- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

6. REFERÊNCIAS ORAIS

- CONCEIÇÃO, S. S. Entrevista realizada em 25/05/2019, na residência da entrevistadora. Entrevistadora: Alice Teixeira.
- SILVA, C. G. Entrevista realizada em 25/02/2019, na residência da interlocutora. Entrevistadora: Alice Teixeira.